S. BENTO DO CANDO: UMA FESTA SERRANA DO CONCELHO DE ARCOS DE VALDEVEZ

por

José Pinto* & **Sandra Vieira****

Resumo: O presente artigo visa fazer uma sucinta descrição histórica-etnográfica concernente à festa de S. Bento do Cando e procura, concomitantemente, dar conta das principais transformações ocorridas nas últimas quatro décadas. A festa divide-se em dois momentos anuais que mantêm o mesmo figurino desde os finais do século XVIII até à actualidade. O primeiro realiza-se no dia 21 de Março e o segundo (o mais importante) inicia-se no dia 3 de Julho, com a novena em honra de S. Bento e termina no dia 11, com a celebração da eucaristia, sermão e procissão do adeus. A partir da análise realizada procura-se estudar a relação entre as práticas religiosas e a cultura popular.

Palavras-chave: S. Bento do Cando; festa religiosa; cultura popular.

Abstract: This article describes a brief historical and ethnografic view concerning the feast of S. Bento do Cando, wich focuses on the main transformations that the feast suffered throughout the last four decades. The feast briefly analyzed is divided into two annual major moments that continue to follow the same pattern since the late eighteenth century till today. The first is held on March 21 and the second (most important) starts on July 3 with the novena in honor of S. Bento and ends on the 11th with the celebration of the eucharist, sermon and the good-bye procession. With the anlyzis developed it is intended the study of the relationship between religious practices and popular culture.

Keywords: S. Bento do Cando; religious feast; popular culture.

> «Vim de novena inteira a comer. Venho há aproximadamente 30 anos consecutivos. Apareceram-me uns talos nos peitos e apeguei-me com S. Bento do Cando e prometi vir de novena todos os anos enquanto puder. Vou alugar dois peitos em cera e dar três voltas ao redor da capela de S. Bento. O ano passado vim de joelhos desde que avistei a capela até aqui. Este santo é advogado contra "males ruins"» (Informante, 52 anos, Julho de 2000).

---

* Licenciado em Antropologia, pós-graduado em Ciências Documentais (Ramo de Bibliotecas e Documentação) e em Ciências da Informação e da Documentação (Variante Arquivo). É professor na Escola Profissional do Alto Lima. E-mail: pinto.jmp@gmail.com

** Licenciada em Antropologia. Pós-graduada em Criminologia. E-mail: shandrav@gmail.com Agradecemos penhoradamente a todos os Professores que se prontificaram a ler o artigo. Destacamos neste contexto, o Prof. Doutor Pierre Sanchis, Prof. Doutor Xosé Manuel González Reboredo, Prof. Doutor António Teixeira Fernandes, Prof. Doutor António Medeiros, Prof. Doutor José da Silva Terra, Dr. Alberto Antunes de Abreu, Prof. Doutor Paulo Sérgio Ferreira, Prof.ª Doutora María Cátedra, Mestre Teresa Perdigão, Padre César Maciel, Prof. Doutor Álvaro Campelo, Prof. Doutor Manuel Carlos Silva, Prof. Doutor Carmelo Lisón Tolosana, Prof. Doutor Millián Arroyo Menéndez, Prof.ª Doutora Clara Saraiva, Prof. Doutor Alfredo Teixeira, Prof. Doutor Pedro Penteado e Doutora Elza Carvalho.

Introdução

A capela de S. Bento do Cando situa-se na freguesia serrana da Gavieira, especificamente na veranda[1] de S. Bento do Cando, concelho de Arcos de Valdevez, distrito de Viana do Castelo, noroeste de Portugal[2].

A veranda de S. Bento do Cando ganha vida nova durante a festa. As actividades realizadas no decurso da mesma constituem momentos onde o espaço ganha contornos diferentes dos que possui no quotidiano e cada participante na celebração vive o espaço de uma forma particular.

No decurso deste artigo, propomo-nos fazer um exercício de memória: recordar a festa de S. Bento do Cando como um evento etnográfico para reflectir sobre a cultura popular passada e presente. Isto em larga medida porque «a tradição do povo das aldeias tanto vai da sua crença aos actos de fé, como vai da sua vida às práticas supersticiosas, levando à alma consolo de regras e amor de santos, ao corpo benzilhices e mixórdias de bruxedo e aos campos engenhos e animais inocentes de espantação para as coisas ruins e daninhas» (Braga, 1995: 45).

A capela de S. Bento do Cando tornou-se um centro de devoção porque tem um raio de influência significativo e porque ali se acredita que ocorreram e continuam a ocorrer milagres. A capela de S. Bento do Cando torna-se um lugar de práticas sacrificiais e outros rituais que podem ser entendidos como manifestações da religiosidade popular das populações do Alto Minho inteiror. A capela funciona como uma ponte, um elo de ligação espácio-temporal entre dois mundos: o conhecido e o desconhecido, o humano e o divino, o natural e o sobrenatural (Pinto, 2010).

As componentes religiosa e profana, revestem-se de importância crucial para que se reforcem laços sociais com S. Bento. As manifestações de cultura popular estão intimamente relacionadas com a música, a feira, as comidas e a novena.

Materialidades Localizadas

Ao escrever sobre a capela de S. Bento do Cando e depois de reconhecer a impossibilidade de indicar com exactidão a sua origem, Pintor (1981: 5), enquadra-a, «[...] na Terra do Soajo medieval com um mosteiro da Ordem de S. Bento em Ermelo, mosteiro filial de outro mosteiro da mesma Ordem de S. Bento em Fiães, da então vizinha terra de Valadares, mosteiro que era dono de herdades nessas paragens serranas do Cando, Pomba, Aveleira e Bouça dos Homens dos então Montes de Laboreiro».

Sustenta ainda o investigador que a origem do culto de S. Bento do Cando remonta ao séc. XIV. Almeida (1987), advoga que a capela será dos inícios do século XVIII. Segundo um *roteiro sobre o património histórico* publicado pelo Município de Arcos de

---

[1] A veranda é uma área que se localiza a uma altitude que pode variar entre 750 e 100 m. Diz respeito a um espaço montanhoso de residência, cultivo e pastos sazonais localizado na freguesia da Gavieira (Serra do Soajo – Noroeste de Portugal). Para obter mais informações sobre as cinco verandas da freguesia serrana da Gavieira (cf. Carvalho, 2004).

[2] Cf. fotos da capela e da festa de S. Bento do Cando nos seguintes sítios na Internet: http://alfarrabio.di.uminho.pt/lindoso/Romarias/s_bento_do_cando.htm ou http://www.google.pt/images?um=1&hl=ptpt&biw=922&bih=487&tbs=isch%3A1&sa=1&q=S.+Bento+do+Cando%2BGavieira&aq=f&aq =&aql=&oq=&gs_rfai=

Valdevez (1999), «O imóvel caracteriza-se por uma planta rectangular de nave única, com sacristia de igual morfologia anexa à parede Este da cabeceira, incluindo igualmente uma torre sineira».

Uma das poucas referências à capela de S. Bento do Cando, encontra-se na *Memória Paroquial de S. Salvador da Gavieira* (1758):

> Tem quatro ermidas, que bem a ser, huma no cimo do lugar de Rouças com a invocação de Santo Antonio, outra no cimo do lugar de Tibo com a invocação do Espírito Santo, outra no sitio chamado do Cando com a invocação de São Bento, outra no sitio da Peneda de invocação de Nossa Senhora das Neves, esta tem confraria de irmãos e huma e outra pertencem à mesma de São Salvador da Gavieira [fol. 138].

A consulta do tombo do Soajo (1795), também mostra um culto bem implantado na época.

> Aos dezanove dias do mês de Setembro de mil e sete sentos e noventa e sinco annos em a branda do cando que a freguezia da Gavieira a donde eu escrivão deste Tombo fui vindo por ordem e mandatto do Doutor Jacinto Luís de Barboza Lobo de Castro Juis delle e emformadores João Gonçalves Taças e João Domingues de Carvalho para efeito de se medir a Capella que se acha sita nesta mesma branda e com a ivocação de São Bento da Cando a qual tem de comprido do norte ao sul pella parte do nasente onze varas e dois palmos e de largo pella parte do norte coatro varas menos hum palmo por fora tem de largo na fronteira pella parte do sul de fora sinco varas e dois palmos tem de comprido pella parte de dentro athe o altar dês varas e dois palmos tem de largo nas portas travessas pella parte de dentro coatro varas e [fol. 37] varas e dois palmos estas varas de sinco palmos cada huma. Tem no altar principal São Bento do Cando imagem muito devota a que concorrem em Romaria nos seus dias de Março e Julho muitos devotos com ofertas de que se fundou e cresceo irmandade que se conserva. Tem mais a mesma capella dois altares culatrais em que dizem misa com os aparamentos nesesarios e hum púlpito de pedra da parte de fora.

Para além da capela dedicada ao orago – que sofreu restauro e ampliação nos últimos anos do século XIX –, compreende edifícios com certa imponência, todos pertencentes à Mesa Administrativa de S. Bento do Cando. Completam este conjunto uma fonte de duas bicas e um cruzeiro[3] em granito. Em tempos, existiu um frondoso castanheiro[4] que cresceu entre este cruzeiro e a centenária capela. Em sua memória, foi plantado um outro no mesmo local.

A capela dispõe de um altar relativamente pequeno que, para além dos símbolos habituais presentes em todos os locais de culto, inclui outros de que falaremos seguidamen-

---

[3] Segundo um *Roteiro Sobre o Património Histórico de Arcos de Valdevez* (1999), «o cruzeiro é datado muito provavelmente, dos inícios do século XIX, com inscrição ténue nas faces Este e Sul. Apresenta uma coluna de fuste liso integrando uma imagem escultórica de S. Bento, enquadrada num nicho de pequena dimensão. No topo desenvolve-se um capitel, uma cruz latina e uma representação, em escultura, de Cristo». Um dos moradores da veranda de S. Bento do Cando, disse-nos que a pedra para se fazer o cruzeiro, foi transportada a pau e corda, ou seja, através de escotes, pois o Outeiro Maior, região de onde era proveniente a pedra, era inacessível, o que impossibilitava o seu transporte através de carro de bois.

[4] Este velho castanheiro, já desaparecido, cobria com a sua sombra grande parte do recinto da capela sendo muitos dos seus ramos usados pelos jovens como «poltronas» enquanto assistiam à festa. Uma das nossas informantes, em toada de lamento, confidenciou-nos: «Era um castanheiro que parecia estar abençoado por S. Bento. Ainda hoje não entendo como é que o Glorioso S. Bento o deixou secar»!

te. Localizada no altar-mor[5], a imagem de S. Bento do Cando ostenta, além da coroa, uma veste preta e um báculo. Inclui também, aos seus pés, dois símbolos: uma mitra e um corvo que, no bico, segura um pão. Ambos remetem para a Sua hagiografia.

Nos altares laterais são veneradas as imagens de S. Brás, S. José e Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo. Quando entramos na capela, podemos, à direita, admirar a imagem de Santa Bárbara; à esquerda, a Senhora da Boa Morte; e, no canto superior esquerdo do mesmo altar, a Senhora de Fátima.

Actualmente, há três imagens de S. Bento do Cando: duas em madeira, que se encontram respectivamente em um oratório de madeira na Casa da Mesa Administrativa e no altar-mor da capela; e outra imagem em pedra, no exterior, sobre a porta principal da capela. A imagem guardada na Casa da Mesa Administrativa é a única que se transporta em andor, nas procissões que se realizam quando das festas em honra de S. Bento do Cando.

Ao coro da capela podemos aceder através de uma porta lateral localizada no seu exterior. Em determinadas ocasiões, como no decurso da festa, pode-se entrar pela porta lateral voltada para Este. Desse mesmo lado, há uma terceira porta que dá acesso à sacristia, normalmente um lugar de acesso restrito, onde os sacerdotes convidados e o pároco da Gavieira se paramentam, e de onde saem as bandeiras que integram as procissões.

Encostada ao lado esquerdo da capela, encontra-se a Casa da Mesa Administrativa, que, no decurso do ano de 2010, foi submetida a obras de remodelação. O piso superior é composto por três quartos, casa de banho e cozinha, onde costumam ficar hospedados os membros da banda de música que se deslocam para a celebração e os membros da Mesa Administrativa. O piso térreo destina-se à recolha de esmolas, à venda de estampas e de figuras de cera que representam partes do corpo humano, ou animais, tais como vacas e ovelhas, além das velas que os devotos oferecem a S. Bento do Cando como ex-votos.

Segundo o depoimento de um membro da Mesa Administrativa, no ano de 2007, as figuras de cera para o cumprimento de promessas tinham um custo de €3 cada uma, mas, com a condição de serem posteriormente devolvidas; e que a Mesa Administrativa de S. Bento do Cando tinha realizado algumas obras fundamentais para a melhoria das infraestruturas do espaço sagrado: restauraram-se a capela e os quartéis[6], substituiu-se o sistema eléctrico, colocaram-se 12 bancos novos na capela e construíram-se casas de banho.

Na parede exterior da Casa da Mesa Administrativa voltada para a capela, existia um orifício, através do qual os devotos introduziam o sal[7] que entregavam a S. Bento do Cando em troca de alguma graça concedida. Com as obras de restauro a que a dita casa foi submetida, este orifício desapareceu. Outrora uma oferta frequente, o sal era repartido entre

---

[5] «Este centro do qual tudo irradia e para onde tudo converge é o altar. O altar é o objecto mais sagrado do templo, a razão da sua existência e a sua própria essência, [...]. O altar é a mesa, a pedra do sacrifício que, para a humanidade pecadora, é o único meio de estabelecer contacto com Deus. O altar é o lugar desse contacto; pelo altar, Deus vem até nós e nós vamos até Ele. É o objecto mais santo do templo, porque é saudado, beijado e incensado» (Hani, 1998: 95).

[6] Os quartéis são casas mandadas construir pela Mesa Administrativa de S. Bento do Cando. Nestas casas que se localizam nas imediações da capela de S. Bento do Cando, ficam alojados sobretudo devotos oriundos das diferentes freguesias dos concelhos de Melgaço, Monção e Arcos de Valdevez que no decurso da festa cumprem a novena ou a meia novena em honra e louvor de S. Bento do Cando.

[7] Segundo informação obtida junto de um sacerdote que frequenta a festa de S. Bento do Cando desde 1957, outrora havia, na Casa da Mesa Administrativa de S. Bento do Cando, duas arcas de madeira onde os devotos vertiam o sal que ofereciam a S. Bento do Cando.

os membros da Mesa Administrativa e os moradores da veranda que disponibilizavam as suas casas para pernoita dos devotos que não ficavam hospedados nos quartéis. A consulta dos livros de contas da festa permitiu-nos inferir que, durante muitos anos, se leiloou o sal oferecido pelos devotos.

A organização da festa é da responsabilidade da Mesa Administrativa de S. Bento do Cando, cujos membros são comummente designados por «mesários», e por Sanchis (1992: 84) considerados «depositários momentâneos da ordem sagrada». A Mesa Administrativa de S. Bento do Cando é nomeada por um período de três anos. São os mesários que nomeiam os seus sucessores e o pároco da Gavieira, juntamente com o bispo de Viana do Castelo, confirmam ou recusam essa nomeação. O pároco e os mesários são os responsáveis por todas as tarefas relacionadas com a festa: cabe-lhes receber as ofertas em dinheiro e/ou em géneros (actualmente em menor número); alugar ex-votos em cera ou mortalhas; convidar os sacerdotes que presidem às missas dos dias 10 e 11 de Julho; contratar banda(s) filarmónica(s) e grupo(s) musicais que animem o arraial; bem como os responsáveis pelo altifalante, iluminação e ornamentação do espaço; providenciar o fogo-de-artifício; assegurar a presença de pessoal responsável pela assistência médica e da Guarda Nacional Republicana para manter a ordem no espaço sagrado; arrendar, por uma quantia irrisória, os quinze quartéis aos devotos que cumprem novena ou meia novena. Tivemos oportunidade de verificar que, embora um número significativo de devotos se desloquem de automóvel para a capela, a ocupação dos quartéis tem aumentado. O arrendamento do quartel já inclui o gás, o fogão para cozinhar, a electricidade e a casa de banho. Fora das épocas festivas, os quartéis são arrendados, por um preço simbólico de €5 por noite, a escuteiros, a grupos de jovens e a outros interessados. É ainda aos membros da Mesa Administrativa de S. Bento do Cando que compete proceder à contagem do dinheiro oferecido no decurso da festa.

Num dos quartéis que visitamos em 2007, ficaram alojadas algumas devotas do concelho de Melgaço, oriundas da freguesia de Parada do Monte, que vieram cumprir a novena inteira: eram nove pessoas, das quais seis estavam sentadas no quartel a conversar e três estavam no recinto da festa. Ao entrarmos, deparámos com o cenário de um pequeno quarto com várias camas de madeira: três, juntas e encostadas à parede, preenchiam totalmente o lado direito, terminado com uma porta de acesso à pequena casa de banho. No lado direito, mais uma cama encostada à parede e mais à frente três colchões trazidos pelas devotas, separados por uma pequena lareira com várias velas a decorar e ao fundo do quartel uma pequena janela. As paredes são de granito e o tecto de madeira. Havia, ao centro, uma mesa com cerca de dois metros, em cima da qual estavam duas garrafas de água, pacotes de bolachas, fruta da época e pão; dois bancos do comprimento da mesa; no chão, várias arcas com alimentos e malas com roupa; e, ao fundo das camas, algumas das peças de vestuário. Observámos, ao fundo, o fogão e a banca com vários pratos, copos e talheres. Pudemos, por fim, testemunhar do companheirismo e cordialidade que pautavam as relações entre as senhoras presentes.

Formas de Penitência, Missas, Rituais de Contacto, Pedidos e Ofertas

O calendário da novena foi estipulado de forma a que os devotos não tenham de abandonar as tarefas agrícolas e domésticas, que se começam a intensificar durante a época estival. A referência mais antiga que a esta prática conhecemos remonta a meados do

século XIX. Durante os anos trinta do século findo, as novenas eram organizadas e autogeridas pelos devotos. Eram estes que estipulavam quais os cânticos, orações a entoar, e outros preceitos religiosos a realizar. O então pároco da Gavieira, o Padre Matias Vaz, decidiu conservar esta prática religiosa já enraizada nos actos dos romeiros, mas passou a ser orientada por ele, conduzindo as orações e os outros exercícios de devoção (Vasconcelos, 1998).

A capela de S. Bento do Cando deve ser entendida como um espaço sagrado, de saúde material e espiritual, ao qual os devotos acorrem de forma individual, com o fito de obter respostas para as suas necessidades e angústias.

> «Vim cumprir novena inteira de promessa própria. Estive muitos meses internada no Hospital Distrital de Viana do Castelo e não fui operada à artrose. E foi por intercessão do glorioso S. Bento, pois ele é muito milagreiro.
>
> Tomo um pouco de cevada e como um pouco de pão de manhã. Depois durante o dia não como mais nada. Venho cá há nove anos, embora não seguidos. Quando não venho de novena pago outro tipo de promessa» (Informante, 68 anos, Julho de 2000).

> «Venho de novena todos os anos. Só como pão e fruta. Venho cumprir promessa, por causa de uma forte dor de cabeça. Pedi a S. Bento que me melhorasse e Ele atendeu-me e agora sintome muito melhor! Vou fazer romaria (dar nove voltas) ao redor da capela com um corpo, uma garganta e uma cabeça de cera» (Informante, 75 anos, Julho de 2000).

No entanto, há também muita gente que se desloca à capela apenas com o propósito de venerar a imagem de S. Bento do Cando, sem levar consigo obrigação alguma nem para cumprir promessas. Os motivos que subjazem ao cumprimento de uma promessa são muito variados e diversificam-se ao longo dos anos: na maior parte dos casos, deparamos que os devotos cumprem promessas por doenças, acidentes e trabalho. Todavia, não é fácil dialogar e falar com os fiéis sobre este assunto. A promessa é um acto voluntário e só se fala na obrigatoriedade de a cumprir.

S. Bento é o «advogado das coisas ruins e dos males desconhecidos» e o seu culto constitui uma autêntica terapêutica religiosa, o que o torna um verdadeiro santo milagreiro, autor de curas espantosas, acima dos méritos de qualquer médico (Sousa, 1956). São principalmente motivos de doença que impelem os devotos a cumprirem novena e a deslocarem-se à capela de S. Bento do Cando: recorrem a S. Bento para os livrar das coisas ruins e dos males desconhecidos. As coisas ruins são atribuídas ao demónio contra o qual S. Bento tantas vezes teve de lutar. Os males desconhecidos são tudo aquilo que afecta o corpo do homem e com ele pareça apresentar-se: verrugas, cravos, quistos, tumores, todas as excrescências carnudas e cancerígenas. Para tudo isto, crê o povo, S. Bentinho tem virtudes terapêuticas (Dias, 1993).

> «Tinha um dente cariado e infectou. Andei muitos anos a sofrer. Então pedi a S. Bento do Cando que me tirasse aquelas dores horríveis. Também padeço muito do reumatismo. Ele atendeu ao meu pedido, porque falei com o coração e não com a boca. O nosso coração é que tem que falar! Fui operada no Canadá e estive lá cinco anos sem vir à terra. Fui operada à cara! Estive três semanas a soro. Com a fé que eu tinha em S. Bento que tinha à cabeceira da cama, prometi que se não morresse que iria ao santuário cumprir novena enquanto pudesse. Também venho pagar promessas por pessoas da família. Também prometi um carneiro a S. Bento do Cando que foi leiloado no dia 11 de Julho. Vou dar voltas com um braço de cera, que prometi pela minha filha mais nova que o desmanchou no Canadá» (Informante, 72 anos, Julho de 2000).

A devoção nasce da crença, provocada por um acontecimento ou milagre de que alguém ouviu falar, de que S. Bento do Cando exerce determinados poderes sobrenaturais. «A devoção ao santo constitui, para o fiel, uma garantia do auxílio celeste para as suas necessidades. A lealdade ao santo manifesta-se sobretudo no exacto cumprimento das promessas feitas» (Azzi, 1994 *apud* Pereira, 2003: 68).

A devoção tem, como principal característica, a fidelidade na qual se inclui um pacto de trocas, neste caso entre S. Bento do Cando e o devoto. Os crentes procuram, com a sua devoção, obter favores e bens que podem ser materiais ou espirituais, e, p. ex., se traduzem em saúde, paz familiar, obtenção de bons resultados nos estudos, na criação de animais e na colheita de cereais. Mas, para a obtenção de favores, é necessário sacrificar algo em benefício dos bens materiais que se pretendem alcançar.

Na relação com a devoção popular, pretendemos abordar apenas a relação sacrificial. O sacrifício exerce a função de mediação entre o devoto e S. Bento do Cando ao qual o sacrifício é oferecido. A oferta abarca diferentes simbologias, podendo traduzir-se em diversas ofertas, tais como: a participação na novena ou meia novena e na ambulação de joelhos em torno da capela.

> «Vim de promessa para cumprir novena inteira, metade a pão e água e a outra metade a comer. Venho pagar uma promessa pela minha avó que esteve doente. Venho há quatro anos seguidos, sempre pelo mesmo motivo! E virei cá todos os anos sempre que puder!» (Informante, 33 anos, Julho de 2000).

Como já sublinhamos, as atitudes de sacrifício realizadas na capela de S. Bento do Cando e no exterior, são realizadas para alcançar graças ou simplesmente agradecer graças já conseguidas. Nas ofertas, são exemplos os ex-votos oferecidos a S. Bento do Cando, símbolo da graça alcançada ou que ainda se deseja alcançar. O crente cumpre a promessa dando voltas em torno da capela com partes do corpo reduzidas em cera, desloca-se dentro da capela para venerar a imagem, cumprindo as promessas pelas graças concedidas. Para além destas, também podemos encontrar outras formas de expressão da devoção: rezar com as mãos erguidas na direcção da imagem de S. Bento, participar nos cânticos e manifestações religiosas, nas procissões e na novena, ajudar a transportar o andor durante a procissão – tudo isto são formas de linguagem do corpo, através das quais cada devoto apresenta a sua própria realidade sofrida.

> «A mim já me fez um milagre! Tinha um talo no nariz e o médico disse-me que tinha de ser operada. Então ao deitar apeguei-me com São Bento do Cando com a minha devoção e esse talo com o passar do tempo foi desaparecendo. Este é um santinho muito milagreiro! Então em troca fiz a viagem a pé e vou mandar celebrar uma missa» (Informante, 72 anos, Julho de 2000).

Estes são sacrifícios voluntários, manifestações de fé e devoção, que têm uma relação directa e muito próxima com o corpo do devoto (Pereira, 2003). É no corpo que estão representadas as acções de devoção presentes nas relações de sacrifício: nas promessas, nos ex-votos, na novena, isto é, em todos os ritos sacrificiais relacionados com S. Bento do Cando. «Na devoção popular, são as atitudes de sacrifício expressas através do corpo que os crentes manifestam diante da imagem do seu santinho, com a linguagem do corpo, é este que fala, grita, pede auxílio e agradece» (Pereira, 2004a: 35). O sacrifício deve ser entendido «como o privar o corpo de algo em detrimento de um bem maior e neste sentido, o

sacrifício pertence ao âmbito do sagrado [...]. Seja uma oferenda ou um acto de penitência, ou mesmo a imulação de uma vítima (ritual comum dos povos antigos que ainda hoje permanece vivo em algumas culturas), o sacrifício deve ser entendido como um donativo, um bem simbólico oferecido à divindade» (Pereira, 2003: 75, 2004a: 35-36, 2004b: 51-52).

É um sacrifício voluntário que chega a ser agradável, tendo em conta as motivações dos participantes na celebração de S. Bento do Cando.

> «Venho de novena porque quando andava na escola costumava desmaiar e então prometi a S. Bento do Cando uma missa e fazer romaria ao redor da capela. Comecei a fazer esta promessa quando tinha 12 anos. Agora sinto-me bem melhor! No dia 21 de Março costumo vir a pé ao santuário» (Informante, 46 anos, Julho de 2000).

Os devotos dedicam algum do seu tempo a rezar junto da imagem de S. Bento do Cando. Mas, por vezes, não é suficiente o simples contacto com ela, e a maioria dos devotos que se deslocam a S. Bento do Cando, enquanto dá voltas em torno do recinto da capela, em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, consoante a promessa realizada, reza em surdina, de pé ou de joelhos, e, por vezes, percorre longas distâncias para pagar as suas promessas:

> «Vim de propósito de França para cumprir uma promessa a São Bento. Venho de novena a pão e água por uma filha que esteve quase cega. Começaram a inchar-lhe os olhos e acredito que foi um milagre de São Bento que fez com que ela recuperasse a visão. Tenho muita fé em São Bento do Cando. É um santo muito milagreiro! Vou dar nove voltas ao redor da capela de joelhos» (Informante, 50 anos, Julho de 2000).

Na novena em honra e louvor de S. Bento do Cando participam muitos devotos, sobretudo oriundos das freguesias dos concelhos dos Arcos de Valdevez, Melgaço e Monção. Os devotos iniciam a novena no dia 3 de Julho. Os que se deslocam de longe pernoitam na veranda de S. Bento do Cando, iniciam a novena no dia seguinte pela manhã, e, no caso de cumprirem meia novena, regressam às suas casas ao fim da tarde do terceiro dia, e os que cumprem novena inteira, tornam a casa 9 dias depois. Esta sequência repete-se até ao dia 10 de Julho – dia em que as celebrações religiosas e festivas se intensificam. Em razão da significativa melhoria das acessibilidades à capela de S. Bento do Cando, esta festa é marcada por uma forte mobilidade dos seus participantes, o que tem indubitavelmente contribuído para a sua descaracterização, quando comparada com a que se realizava em meados do século XX.

A missa da novena, com início às 11 horas, prolonga-se sensivelmente por noventa minutos. Homens e mulheres, crianças e jovens instalam-se para participar na eucaristia, um espaço de retiro em que os devotos passam a maior parte do tempo na capela, de manhã, e à tarde a ouvir a palavra de Deus, a rezar, a comungar e a confessar-se. Enquanto decorre a missa, os crentes fazem uma pausa na realização das suas promessas. Este culto oficial tende a fazer a divisão temporal entre as actividades religiosas e as lúdicas. Celebrase quase sempre no exterior da capela por causa do elevado número de devotos que aí aflui.

Em frente à capela, aguardam ansiosamente pela eucaristia e procuram pequenos espaços à sombra, porque a missa é longa e o calor que se faz sentir torna-se muito intenso. Na dita eucaristia, o momento de maior impacto é o sermão a cargo de um sacerdote convidado. «Este patenteia os seus dotes oratórios, sabe imprimir as variações prosódicas

convenientes, passando com à-vontade a argúcia do registo persuasivo familiar à grandiloquência. Face ao "povo" que o escuta em respeitoso silêncio, cultiva articuladamente duas atitudes: o distanciamento, marcado pelo seu papel de oficiante, a sabedoria técnica e o dom da palavra; e a proximidade, sugerida por falar de símbolos, factos e problemas que os ouvintes conhecem e sentem como seus» (Silva, 1994: 147). Assume-se como o momento chave da Liturgia da Palavra, e constitui «uma interpretação autorizada, por parte de um membro do clero, das palavras ou acções divinas descritas na Bíblia: [...] a *Bíblia Sagrada* não se explica somente pela ciência dos homens. É preciso que alguém seja enviado por Deus, [...] que fale com autoridade divina e não somente por sabedoria humana [...]» (Cechinato, 1988: 75).

Um outro ponto forte da festa foram – e contnuam a ser –, no dia 10, a procissão de velas, e, no dia 11, a do adeus. Ambas contam com largas dezenas de devotos. Todas as procissões têm lugar após a missa, e, a passo apressado, deslocam-se alguns homens para a sacristia e para a capela, de forma a pegarem nas bandeiras e nos andores que integram a procissão. O transporte dos andores e bandeiras pode também eventualmente estar relacionado com o pagamento de uma promessa: ao prometerem a S. Bento do Cando transportar os andores, alguns homens e mulheres projectam e elevam as suas imagens como forma de agradecimento por alguma graça concedida.

Considerada como um acto penitencial, em que os devotos participam depois do terço cantado em homenagem a S. Bento do Cando no exterior da capela, a procissão de velas percorre parte da veranda, dando a volta ao cruzeiro que se situa ao fundo da mesma. «A procissão conjuga os actores com os visitantes, faz interferir o património guardado e os corações que espreitam. A procissão, como cortejo itinerante, é um grande momento de comunhão na freguesia. A procissão, pela sua grandeza ou pela sua pequenez, reflecte a comunidade, é o eco peregrinante de uma comunidade que promete ou de alguém que entra em crepúsculo» (Lima, 2007: 71).

Não obstante as semelhanças apresentadas, exceptuando o número de andores e de bandeiras, as procissões são consideradas paradas de beleza, fruto do recurso às cores variadas e vivas. A própria ornamentação floral dos andores, a disposição ordenada dos elementos que as compõem, bem como a sublimidade do pálio onde segue a clerezia são elementos que marcam presença assidua. Por outro lado, os símbolos sagrados e os inúmeros figurantes devidamente vestidos como personagens bíblicas também marcam a sua presença. Os cânticos entoados através de um altifalante anunciam a procissão e à espera muitos devotos já se encontram no exterior da capela e da sacristia com as velas acesas.

Na festa de 2001, tivemos oportunidade de observar atentamente a procissão de velas. A presidir o cortejo processional caminhavam três homens que transportavam duas lanternas e a cruz. Depois, seis bandeiras mostravam diferentes imagens de S. Bento do Cando, transportadas na linha da frente, umas de promessas, outras por voluntários. Apenas dois eram andores que integravam a procissão: o primeiro era o de Santa Bárbara, conduzido pelas moças que, durante a procissão, eram substituídas por rapazes que se prontificavam a ajudar; o segundo, de S. Bento do Cando, foi transportado por quatro homens. Seguia o pároco da Gavieira e o grupo de acólitos debaixo do pálio. Lima (2007: 72) observa que o pálio é um elemento fundamental e indispensável em qualquer procissão. «E nunca falta o pálio, com a sua guarda de honra, e os ministros de culto (sobretudo o pároco), agente importante da freguesia. Alem disso, o rito da procissão demonstra bem, particularmente nos andores, a transformação realizada e a integração constante de novos elementos. Andores

e procissão aparecem como uma escola de beleza, de catecismo, de artesanato e de religiosidade».

Finalmente, os restantes participantes na celebração, na sua maioria do sexo feminino, entoavam cânticos em louvor de S. Bento do Cando. No entanto, também havia pessoas que assistiam silenciosamente à passagem da procissão. A celebração oficial acabou quando a procissão chegou ao adro da capela e as pessoas se dispersaram.

No último dia na veranda de S. Bento do Cando, cumprem-se alguns rituais religiosos. A atenção centra-se na missa com início às 11h, à qual se segue a procissão do adeus, um momento também marcado pela presença de largas centenas de pessoas. A disposição das habitações na veranda de S. Bento do Cando é concentrada formando um círculo. Ao centro, localiza-se a capela de S. Bento do Cando, e, ao lado, a poucos metros de distância, situa-se umas das duas estradas que ligam a freguesia da Gavieira aos concelhos de Melgaço e de Monção. O trajecto desta procissão é idêntico ao da procissão de velas. Sai virando a norte, percorre a estrada principal, entrando uns metros mais abaixo para o aglomerado de casas, até um descampado, regressando pelo cruzeiro e, uns metros mais à frente, encontra-se de novo diante da capela. Quando da realização da procissão do adeus, a imagem da Nossa Senhora das Dores é transportada da igreja paroquial da Gavieira para a capela de S. Bento do Cando, de modo a integrar a procissão.

Terminada a eucaristia em frente à Casa da Mesa Administrativa, procede-se à arrematação das ofertas, acto que se repete nos dias 10 e 11. A história de uma capela (neste caso específico) anda sempre ligada às ofertas dos seus devotos. Estas contribuições, tão generosas e variadas, expressam a devoção e a gratidão dos fiéis. Como sinais de tão grande devoção são inúmeras as ofertas: dinheiro, bovinos, caprinos, galinhas, ovos e cravos. Como outrora havia na freguesia da Gavieira uma grande quantidade de ovinos e caprinos, alguns eram oferecidos de promessa a S. Bento do Cando.

Depois da missa e da procissão do adeus que antes descrevemos, a veranda de S. Bento do Cando rapidamente se esvazia.

O Profano: complemento do religioso

A componente religiosa é complementada pelas mais variadas manifestações lúdicas, contribuindo para lhe dar uma maior visibilidade. As imediações da capela assumem uma dimensão lúdico-festiva e constituem-se como espaço de encontro, de transacção de produtos, consumo extraordinário de bebida, de comida e de música, e de convívio entre os diferentes partcipantes na celebração (González Reboredo, 1997). A capela de S. Bento do Cando transforma-se com a presença de tendas e barracas armadas na estrada adjacente, na qual é comercializada grande variedade de produtos, tais como: utensílios domésticos, brinquedos, roupas, fruta e doces:

> «Na festa de S. Bento do Cando, vendiam-se doces, roscas e ameixas; os doces vinham da freguesia da Gave (concelho de Melgaço), assim como as roscas e as ameixas – para vinha cá de tudo. As mulheres vendedeiras traziam-nos em açafates e vendiam-nos à porta da capela, ali ao lado. Vendiam sentadas naquele murinho onde a gente passa por cima quando anda de novena. Tudo ali sentadas: doces, roscas e ameixas. Não havia mais nada, traziam-nas em açafates (os cestos que usavam para transportar e guardar os doces) e vinham a pé. Traziam esses cestos cheios de doces, rebuçados, roscas e ameixas» (Informante, 67 anos, Julho de 2001).

Como observa Lima (2007), não há festa sem mesa, sem manjares, sem refeições de fartura. A festa é, por regra, excesso de comida e de bebida, que ajuda a maior liberdade na palavra, nos gestos, nos comportamentos, e, deste modo, permite ultrapassar barreiras éticas e de convivência social que, fora daquele tempo, se respeitam. A festa da aldeia é também a do olfacto, o momento para um cheiro novo ou um perfume inebriante. A festa da aldeia desperta a gente para um sentido olfactivo diferente, os odores são carregados quer pela presença da massa humana que cheira diferente, quer pelos jardins deslocados para as igrejas, quer pelos grelhados das tascas das comidas, quer pelos adornos dos andores, quer pelo incenso que marca as celebrações da liturgia cristã.

O movimento da festa exerce grande fascínio, pois podem ver-se homens, mulheres, adolescentes e crianças a circularem de um lado para o outro, a observarem as mercadorias, a comprarem e reencontrarem amigos e familiares. Estas tendas são armadas nas ruas, em espaços não muito próprios, devido ao ligeiro declive do terreno. E, como argumenta Katrib (2007: 82) «[...] a festa também redefine valores e funções aos espaços, além de estabelecer vínculos de sacralidade, consolidar lugares sagrados, reforçar símbolos de fé, possibilitando, ainda que a sociabilidade popular produza a sua própria forma organizacional». A componente lúdica surge como um evento ligado ao universo religioso, depois de cumprida a promessa. No dia 10 de Julho, os tocadores de concertinas, a banda de música, o grupo pop/rock e os cantadores ao desafio animam o recinto da festa de S. Bento do Cando.

Outro momento importante e de sociabilidade é o da feira de gado que se realiza na manhã do dia 10 de Julho: em regra, inicia-se por volta das 7 horas, e termina sensivelmente às 12. Outrora um importante mercado de gado, é actualmente frequentada por pouco mais do que os moradores da freguesia da Gavieira, sobretudo dos lugares da Gavieira e de Rouças. O último é muito provavelmente o lugar do concelho com maior número de bovinos por habitante. Esta feira remete para a construção da identidade no contexto rural e define-se como um aspecto importante na celebração actual da festa tradicional.

Como nos contou um informante da freguesia da Gavieira:

> «A gente guardava os bois grandes para vender nas festas e romarias. Agora é uma feira por tradição, já não é nada do que era! Para aí há uns seis ou sete anos, ainda havia bois a vender [...]. Antigamente é que era! Vinha o gado de Cabreiro, de Parada, e de outros lados. O gado muito dele ficava abaixo da capela, ao fundo do cruzeiro. Era a feira dos garranos» (Informante, 86 anos, Agosto de 2007).

É justamente esta centralidade, reflectida tanto nos vendedores como nos compradores, que condensa este evento tradicional, símbolo de identidade. A feira do gado, integrada na festa, está, na actualidade, inserida num contexto económico mais crítico, que afecta a agricultura e a pecuária, que reivindicam medidas e apoios para fazer face às adversidades. A feira do gado sempre foi mais do que um intercâmbio comercial e de relações sociais. A importância da feira de S. Bento do Cando é sublinhada por Carvalho (2006: 550) ao observar que «nos poulos da freguesia do Soajo, até à feira do Cando, dia 10 de Julho, cada pastor apartava as crias e preocupava-se na engorda dos vitelos, pois a feira anual em S. Bento do Cando aproximava-se a ritmo veloz. Esta feira não tinha, apenas, impacte na economia das populações mas, correspondia a um dos marcos nos usos deste regime pastoral».

A componente lúdica e profana da festa de S. Bento do Cando é marcada pelo convívio, pelo barulho, pela confusão, pela música e pela dança em que todos podem participar. O folguedo, a liberdade, as conversas, os encontros, as voltas à capela e as luzes são tudo o que uma pequena massa humana pode inventar (Lima, 2007). Depois de devidamente montado todo o cenário, inicia-se o espectáculo. Nos palcos improvisados no largo em frente à capela, concentram-se os tocadores de concertina e, com eles, as pessoas dispostas a dançar as modinhas típicas desta região do Alto Minho. Muitas mulheres devotas que estão em novena observam as danças, a partir do varandim dos quartéis onde pernoitam. Nas danças participam pessoas de todas as idades, e alguns homens marcam o ritmo com as castanholas. A desordem inicial dá lugar a movimentos estonteantes. Estas danças ao ritmo das concertinas intensificam-se no intervalo da actuação do grupo musical.

A música e o grupo musical trazido para a festa constituem também, neste contexto local, uma senha de identidade de toda uma classe de jovens, que fazem parte da nova geração. O nome da banda deve ser suficientemente conhecido, principalmente para as gerações mais novas. Ao longo dos anos foram passando nomes como: Gaiteiros da Gave, Gaiteiros de Riba de Mouro, Gaiteiros de Parada de Monte, Banda de Música de Riba de Mouro, Conjunto Roconorte, Grupo Líder Sound. Todos eles animaram a festa durante muitos anos.

A tradição tem, deste modo, uma presença muito diferente, medida pela consciência da ruptura, do distanciamento e da descontinuidade que a modernidade introduz, e que começa a estar vinculada às mudanças de estilos de vida que caracterizam os jovens de hoje e as suas identidades reflexivas que são próprias da modernidade. Assim, tanto a identidade como a tradição que serve aqui de referência para a sua construção perdem o encaixe e determinação local. Deste modo, o lugar não intervém na construção da identidade: os jovens limitam-se a reúnir em torno de um gosto partilhado. A distância da tradição dos jovens expressa-se na festa, na selecção de espectáculos mediante a eleição de elementos onde a música assume um carácter simbólico. No espaço festivo e mediante a música, produz-se um encontro entre várias gerações: filhos, pais e avós.

Para gáudio de todos, por volta das 24h, o fogo-de-artifício anuncia o intervalo, no fim do qual o grupo musical retoma a sua actuação que pode prolongar-se até às 2h da manhã. Depois desta hora, o descanso torna-se obrigatório para aproveitar a festa no dia seguinte.

Considerações finais

O nosso trabalho de campo permitiu-nos inferir que a festa ao longo dos anos sofreu transformações que se prendem nomeadamente com a introdução de grupos musicais, com os artigos vendidos ao redor da capela, com o decréscimo dos participantes na feira do gado e até mesmo com o que tange às comidas. O vinho dá lugar à cerveja e a comida tradicional ao frango de churrasco e ao entrecosto grelhado – mudanças introduzidas provavelmente na década de 30 do século XX, por influência da emigração brasileira.

«A comida, você levava o seu cabaz, o seu lanchezinho [...] e para a gente que não levava comida, havia as tascas. A Ramalhona cozinhou lá durante muitos anos [...] vendiam-se sandes ou batatas com bacalhau e vinho, não faltava o barril com o vinho, os tasqueiros vendiam lá mais de meia pipa de vinho, que era transportado no carro de gado, pois não havia estradas como hoje» (Informante, 87 anos, Agosto de 2007).

A festa – foi e continua a ser – pautada por uma diversidade de crenças e práticas religiosas, sendo estas expressas através das procissões, missas, novenas e pagamentos de promessas. A festa de S. Bento do Cando reflecte as mudanças na sociedade rural que se têm acentuado no decurso das últimas quatro décadas, desde o grande *boom* da emigração para a Europa dos anos sessenta do século XX. Merece particular realce a substituição das ofertas em géneros pelas ofertas em dinheiro – em virtude do abandono progressivo da agricultura –, o que evidencia a crescente circulação monetária das últimas décadas. A agricultura deixou de ter o peso de há umas décadas atrás. Como corolário, assistimos à diminuição significativa de algumas ofertas em géneros, como p. ex., de sal, frangos, cravos e ovos. O devoto continua a abandonar provisoriamente a segurança do seu lar para se tornar num nómada em corpo e espírito, pois continua a deslocar-se até à capela de S. Bento do Cando. Todavia, a prática da peregrinação foi perdendo sentido à medida que os acessos e os transportes melhoravam. Hoje em dia, são já poucos os que fazem este tipo de promessas, com excepção de alguns moradores das freguesias serranas próximas da capela de S. Bento do Cando.

No entanto, para conseguir a cura e a prevenção de doenças, é necessário cumprir a promessa realizada, entrar no recinto sagrado, como consequência natural da festa, contactar mais directamente com a imagem de S. Bento do Cando, participar na missa e na procissão, rezar e cantar. Observámos devotos, sobretudo mulheres, que ambulavam em torno da capela, rezavam em surdina e transportavam ex-votos em cera. A noção de sacrifício é central para a compreensão de boa parte das práticas gratulatórias, sobretudo as que envolvem a utilização do corpo (Cabral, 1997).

E as mudanças acontecem precisamente porque a tradição é uma forma de perdurar, frente à imposição da modernidade, e, neste sentido, é importante a sua adaptação aos novos tempos. Todavia, articula-se explicitamente ao redor de um código religioso, que comanda todo o ciclo festivo. Para os crentes, a deslocação à capela de S. Bento do Cando está carregada de sentido.

Referências Bibliográficas

Almeida, Carlos Alberto Ferreira de (1987). *Alto Minho*. Lisboa: Presença.

Braga, Teófilo (1995). *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições* (3.ª ed.). Lisboa: D. Quixote.

Cabral, João de Pina (1997). Quinze anos depois. *Milagre q' fez* (pp. 107-120). Coimbra: Museu Antropológico da Universidade de Coimbra.

Capela, José Viriato (2004). *As freguesias do concelho dos Arcos de Valdevez nas memórias paroquiais de 1758. Alto Minho: memória, história e património*. Arcos de Valdevez: Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

Carvalho, Elza Maria Gonçalves Rodrigues de (2004). Residência sazonal na Serra da Peneda: a Gavieira. In *V Colóquio de Geografia Portuguesa*. Lisboa: Associação de Geógrafos Portugueses.

Carvalho, Elza Maria Gonçalves Rodrigues de (2006). *Lima Internacional: paisagens e espaços de fronteira.* Tese de doutoramento, Universidade do Minho, Braga. Acedido a 15 de Setembro, 2007, de http://hdl.handle.net/1822/6909.

Cechinato, Luiz (1988). *A missa parte por parte.* Petrópolis: Vozes.

Dias, Geraldo Coelho (1993). O culto popular de S. Bento: uma forma de terapêutica religiosa. *Revista da Faculdade de Letras: História.* V (10), 233-243.

Dias, Geraldo Coelho (2005). O sal e a sua ambivalente dimensão: sabor da comida e símbolo de preservação religiosa. In *I Seminário Internacional Sobre o Sal Português*, (pp. 339-334). Porto: Instituto da História Moderna, Universidade do Porto. Acedido a 22 de Junho, 2010, de http://aleph.letras.up.pt/exlibris/aleph/a18_1/ apache_media/XH A9 7F7LB2C74Y87K3G8KQV 99ARQK2.pdf.

González Reboredo, Xosé Manuel (1997). *Guía de festas populares de Galicia.* Vigo: Galaxia.

Hani, Jean (1998). *O simbolismo do tempo cristão.* Lisboa: Edições 70.

Katrib, C. M. I. (2007). Espaços desvelados: a dinamicidade dos festejos do Rosário em Catalão-GO. *Espaço e Cultura,* 21, 78-86.

Lima, José da Silva (2007). A festa da aldeia e os sentidos: o caso do Alto Minho. In José da Silva Lima (Coord.), *A festa da aldeia: património festivo europeu.* actas (pp. 63-77). Braga: Faculdade de Ciências Sociais, Centro Regional de Braga, Universidade Católica Portuguesa, Alcalá Imperitura.

Pereira, José Carlos (2003). A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo. *Revista de Estudos da Religião*, 3, 67-98. Acedido a 12 de Novembro, 2009, de http://w ww.pucsp.br/ rever/rv3_2003/p_pereira.pdf.

Pereira, José Carlos (2004a). *«Sacra Facere»: expressões corporais no «catolicismo de folk».* São Paulo: Arte & Ciência.

Pereira, José Carlos (2004b). *Sincretismo religioso & ritos sacrificiais: influências das religiões afro no catolicismo popular brasileiro.* São Paulo: Zouk, 2004b.

Pereira, José Carlos (2005). *A eficácia simbólica do sacrifício: estudo de uma devoção do catolicismo.* (2.ª ed.). Porto Alegre: Zouk.

Pinto, José (2002). *«Os santos esperam, mas não perdoam..»: um estudo sobre a romaria da Peneda.* [S.l.]: Edição do Autor.

Pinto, José (2010). As promessas votivas no santuário da Virgem da Peneda. *Revista de Cultura Teológica,* XVIII (69), 107-133.

Pintor, Manuel António Bernardo (1981). Por terras do Soajo: São Bento do Cando na freguesia da Gavieira. *Terra de Val de Vez: Boletim Cultural,* 2, 5-30.

Roteiro sobre o Património Histórico de Arcos de Valdevez (1999). Arcos de Valdevez: Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

Sanchis, Pierre (1992). *Arraial, festa de um povo: as romarias portuguesas.* (2.ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.

Silva, Augusto Santos (1994). *Tempos cruzados: um estudo interpretativo da cultura popular.* Porto: Afrontamento.

Sousa, Gabriel de (1956). S. Bento na história e na tradição popular. Separata de *O Concelho de Santo Tirso: Boletim Cultural.* IV (3).

Vasconcelos, João (1998). *Romarias: um inventário dos santuários de Portugal* (Vol. II). Lisboa: Olhapim.

Fontes Manuscritas

Livro de contas da festa de S. Bento do Cando, 1940-1990. Gavieira: Mesa Administrativa de S. Bento do Cando.

Sentença civel de tombo medição e confrontação de todas as terras e propriedades, foros, direitos onorozos, uzos e costumes da igreja de São Martinho de Soajo e sua anexa de São Salvador da Gavieira, 1795. Arquivo Distrital de Braga, *Registo Geral*, caixa 281, n.º 2.